

Procedimentos, atitudes e ferramentas para fortalecer a segurança do paciente quando o assunto é esterilização

A Revista Nursing entrevistou Glaucya Lima Dau, especialista da área Técnica e Educacional da Divisão de Prevenção de Infecção da empresa 3M do Brasil. Na entrevista, Glaucya destaca a importância da precaução, novas tecnologias e educação continuada para reforçar as boas práticas na esterilização, sempre a favor de maior segurança ao paciente

Por Marina Moura



Glaucya Lima Dau

Especialista da área Técnica e Educacional da Divisão de Prevenção de Infecção da 3M do Brasil

Revista Nursing - Sabemos que a organização da Central de Material e Esterilização em um hospital ou clínica é essencial para a segurança do paciente. No entanto, organizações de saúde ainda combatem óbitos e complicações decorrentes de procedimentos malsucedidos. Que fatores tornam os procedimentos na CME mais seguros?

Glaucya - As infecções de sítio cirúrgico representam 15% das infecções de saúde e 37 % das adquiridas no hospital. Elas já ocupam a terceira posição em todas as infecções em serviços de saúde no Brasil. Entre as relacionadas à assistência à saúde, 15% tem relação com a ISC e de 100

cirurgias realizadas nos hospitais, 11 evoluem com infecção.

Toda infecção relacionada à assistência à saúde é multicausal, não estando relacionada somente às falhas no processamento de produtos para saúde. Pode também estar relacionada ao procedimento cirúrgico, ao próprio paciente e ao ambiente.

E muitos são os fatores que tornam os procedimentos mais seguros. No caso da CME, inclui a chegada de novas tecnologias, de equipamentos modernos e com controles, de maior monitoramento do processo, dos avanços nas pesquisas, dos cursos de especialização e dos congressos nacionais e mundiais que discutem temas importantes neste cenário. A CME de hoje e do futuro é um setor com “tecnologia dura” e se apresenta como uma área rica em conhecimentos envolvendo a microbiologia, química, física, entre muitos outros.

É preciso destacar sempre a necessidade de protocolos baseados em evidências científicas e amplamente divulgados, e a informação adequada a todos os profissionais que atuam neste setor, para que todos possam seguir as orientações desses protocolos de maneira uniforme.

Os produtos para saúde devem passar por todas as etapas do processamento e ser avaliados por meio de indicadores de qualidade, bem como por monitoramento (como exemplo: físico, químico e biológico). A capacitação constante dos profissionais constitui-se em exigência, e permite o uso adequado e seguro de tecnologias, otimização de tempo e padronização dos processos.

Revista Nursing - Há procedimentos não recomendáveis que ainda são realizados na CME? Quais são eles e por que acontecem?



Glauca - Ainda observamos muitos pontos que necessitam de ajustes na prática e que geram falhas no processo. Dentre eles, podemos citar as falhas no processo de limpeza, na estruturação de um ambiente ergonomicamente correto, no uso de equipamentos sem processo de validação, no estabelecimento de um desafio adequado ao processo de esterilização, no uso de tecnologias, educação permanente, entre outros.

Os riscos existem, bem como falhas e processos inadequados, mas devemos buscar gerenciar os riscos, relatar e corrigir as falhas e a inadequação dos processos.

A parceria efetiva de todos os níveis da instituição e sobretudo da administração é de extrema importância

para que a engrenagem funcione com processos de qualidade e com o envolvimento de todos. Mas ainda há necessidade de investimento em tecnologia, em educação permanente, em número de profissionais. Isso porque a CME garante segurança ao paciente, ao profissional e à instituição por meio do fornecimento de material seguro para ser utilizado. E reforçando, as práticas que não conseguimos sustentar com evidências científicas não devem ser realizadas.

Revista Nursing - Temos como mensurar se a ocorrência dos erros estão relacionados a este ou àquele fator? Por exemplo, mais à higienização/ assepsia correta dos profissionais do CME ou mais ao manuseio incorreto

“A CME de hoje e do futuro é um setor com ‘tecnologia dura’ e se apresenta como uma área rica em conhecimentos envolvendo a microbiologia, química, física, entre muitos outros.”

de equipamentos? Resumindo: temos como saber que erros mais ocorrem e suas origens?

Glaucya - É possível mensurar se a ocorrência de erros está relacionada a este ou aquele fator, por meio de checagem dos monitores, da avaliação periódica da saúde dos profissionais, do controle do ar ambiental, da rastreabilidade, de um gerenciamento efetivo de todo o processo e da vigilância aos pacientes cirúrgicos, parceria esta realizada com a Comissão de Prevenção de Infecção Hospitalar, entre outros. Assim, podemos investigar, identificar e corrigir os erros, levantar possíveis fatores de risco atrelados àquele ou a este procedimento, bem como atuar na eliminação desses. A prevenção das infecções relacionadas à saúde é possível. A participação da instituição de saúde em programas de qualidade, acreditação ou certificação possibilita um olhar externo e também auxiliar ao processo.

Revista Nursing - **Como os profissionais do CME podem prevenir-se contra as falhas em equipamentos ao realizarem os procedimentos de esterilização? Quais processos são seguidos pelas empresas fabricantes destes equipamentos para garantir o máximo de segurança possível em seu uso?**

Glaucya - Ao identificar a necessidade de adquirir um equipamento, o profissional responsável pela CME deve em conjunto com outras áreas, por exemplo engenharia clínica e predial, acompanhar alguns pontos importantes que constituem as etapas de qualificação do projeto, da instalação, da operação e do desempenho.

Exemplifico algumas perguntas importantes que devemos fazer: a área física é adequada para receber o equipamento que necessito? A instalação elétrica, hidráulica e rede de vapor estão no padrão especificado para o equipamento?

É fornecida assistência técnica? Quais os monitores que devo utilizar para assegurar o processo? Existe a necessidade de filtros? Qual o tipo de água deve ser utilizada?

Outros aspectos também devem ser considerados, como estabelecer protocolos em conjunto com as áreas envolvidas, um contrato com uma empresa qualificada para manutenções preventivas e corretivas, bem como com uma empresa também qualificada para realizar o processo de validação.

“(...) a CME garante segurança ao paciente, ao profissional e à instituição por meio do fornecimento de material seguro para ser utilizado. E reforçando, as práticas que não conseguimos sustentar com evidências científicas não devem ser realizadas.”

Os fabricantes devem apresentar as especificações necessárias para cumprir com as necessidades exigidas, com itens como manual, suporte técnico especializado, registro (quando for o caso) e selos de qualidade e/ou conformidades com normas.

As instituições de saúde devem cobrar dos fabricantes o cumprimento

de normas e a apresentação da documentação necessária.

Revista Nursing - **Além de ser prejudicial ao paciente, um erro relacionado à esterilização pode levar a instituição a também a prejuízos financeiros? Qual a dimensão de tais prejuízos?**

Glaucya - Uma falha relacionada ao processo de esterilização pode gerar prejuízos ao hospital de muitas formas, incluindo financeiro. Estes são os prejuízos tangíveis.

Mas existem outros prejuízos que não conseguimos mensurar. São prejuízos intangíveis como o prejuízo ao paciente, à sua família e a todos que o cercam e desejam sua rápida recuperação. À sociedade, que também perde devido ao afastamento desta pessoa do seu ambiente de trabalho e das suas atividades sociais. A instituição e o profissional que tem a imagem e a credibilidade abaladas.

A CME ainda pode ser considerada por alguns administradores como um centro de custos hospitalares. E necessitamos de um olhar mais intenso e focado para este setor. Precisamos investir em prevenção de infecção de sítio cirúrgico, em educação permanente.

O enfermeiro deve assumir na CME seu papel na gestão de recursos humanos, financeiros e materiais permitindo um gerenciamento efetivo do cuidar.

Os custos envolvendo o processamento de produtos para saúde necessitam estar inseridos nas despesas hospitalares de cada procedimento. Isso promoveria uma maior possibilidade de investimentos.

Revista Nursing - **Se observarmos no cenário mundial as práticas em esterilização a favor da segurança do paciente, em que posicionamento o Brasil encontra-se no momento? Temos aqui uma cultura de boas práticas ou temos muito a aprender?**



Glauca - É muito difícil estabelecer um ranking para o cenário mundial. O Brasil possui dimensões continentais e uma diversidade similar.

Muitas instituições possuem boas práticas, tanto em iniciativas públicas como privadas nas diversas regiões do país. Mas ainda temos muito a aprender porque o cuidar à saúde é desafiador e envolve a falibilidade humana, sobretudo nos setores complexos e especializados.

Acredito que o Brasil estabelece cada vez mais a cultura de segurança do paciente. Nós, profissionais da saúde, buscamos a direção correta, por melhores práticas, por implementar processos de qualidade, a busca por aprender, por atualizar, por fazer

o melhor e por impedir o erro.

No mundo dinâmico em que vivemos, descobertas são realizadas a cada momento, onde novas informações chegam e nos movimentam a fazer o nosso melhor.

Sejamos uma corrente, onde cada elo está fortemente ligado e soldado para que não seja rompido. Que esta corrente represente os profissionais envolvidos no cuidar ao paciente, seja o cuidar direto ou indireto. Que esta corrente represente os processos, aplicados com segurança e protocolos baseados em evidências.

E sempre tenhamos na lembrança que a dimensão da nossa responsabilidade vai além da técnica, ela também é pessoal, social, ética e legal. 🐦

“O enfermeiro deve assumir na CME seu papel na gestão de recursos humanos, financeiros e materiais permitindo um gerenciamento efetivo do cuidar.”